

Os desafios de um analista de discurso: *um processo sem início nem fim*

Maria Cristina Leandro Ferreira¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: O presente artigo oferece um breve panorama da Análise de Discurso e uma notícia de suas práticas atuais no Rio Grande do Sul, Brasil e França (marcando a diferença entre essas duas últimas); bem como uma amostra da tarefa a que se propõem os analistas. Para tal, destaca o caráter militante da área e seu comprometimento em expor ao olhar do leitor a opacidade do texto. No percurso do texto são revistas as noções de corpo, arte e cultura, recentemente incorporadas à AD, destacando o quão delicada é a tarefa de demarcar os limites – não limitações – desse quadro teórico. Por fim, é acentuada a necessidade da atuação de analistas de discurso, mobilizando seu aporte teórico, nesses momentos críticos da história, em que os sujeitos parecem estar mais suscetíveis à dominação/submissão. A lição de Pêcheux continua cada vez mais atual e fazendo sentido para nós, analistas de discurso.

Palavras-chave: Discurso; Resistência; Língua; Ideologia; Historicidade.

Title: The challenges of a discourse analyst: a process without beginning nor end

Abstract: This article presents a brief overview on Discourse Analysis and some account on its current practices in Rio Grande do Sul, Brazil, and France (stressing the difference between the latter two); as well as a sample of the task the analysts embrace. Thus, we highlight the militant trait of Discourse Analysis and its commitment to exposing the text's opacity to the reader's look. Along the way, we review the concepts of body, art, and culture, recently embedded to Discourse Analysis, emphasizing how contentious is the task of setting the boundaries – not limitations – to our theoretical framework. Finally, we underline the necessity of the work of discourse analysts, raising the banner of resistance in these critical moments in history in which the subjects seem to be more vulnerable to domination/submission.

Keywords: Discourse; Resistance; Language; Ideology; Historicity.

¹ Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras.

E-mail: kittyleandro@gmail.com

Por que falar em desafios a jovens analistas de discurso ou interessados na análise do discurso? Por que falar que se trata de um processo sem início nem fim?

Porque ser analista de discurso implica uma rede complexa de elementos e atributos que vão se entrelaçando e compondo o tecido que veste e reveste a *forma-sujeito do analista de discurso*. O risco é não perceber essa opacidade e cair no logro de entender que o significado do que é *análise do discurso* está nas palavras literalmente. Sendo assim cairíamos numa tautologia perigosa: analista de discurso é aquele que analisa discursos!

Simples, não? Puro engano...

Vamos examinar mais de perto:

Analisar seria explicar? Ou tentar descrever? Ou quem sabe interpretar? Ou melhor: seria compreender? Para analisar eu começo por onde? Pelo todo, pelas partes? Importa só o discurso ou quem o produziu? Devo levar em conta na análise a situação, as condições externas? E a figura de quem analisa importa quanto? E como?

E o discurso? Em que consiste esse objeto do analista? É o discurso do político, dos pais, do diretor? O discurso é escrito ou falado? Como faço para recortar um discurso? O que devo procurar no discurso? Como identificar boas pistas?

Essas são algumas das perguntas que costumam nos fazer quando falamos que somos analistas de discurso. Sem falar naquele comentário de quem se julga astuto: “vou me cuidar agora porque sei que meu discurso está sendo analisado”! Como se pudéssemos controlar o efeito de sentido que o interlocutor vai atribuir!

Quando Michel Pêcheux, filósofo francês responsável pela vertente discursiva que abraçamos, se engajou na elaboração de um novo campo de investigação, ele pretendeu não reduzir o discurso nem à língua, nem à fala individual. Ele visava algo mais preciso: como os sujeitos são apropriados pela linguagem, nela constituídos e, por meio dela, constituídos também pela história e suas determinações.

A primeira tarefa do analista de discurso é não perder de vista este objetivo que confere toda a pertinência, a importância, o caráter inovador e o alcance revolucionário à análise do discurso.

A Análise do Discurso (AD) que nos afeta leva em conta, particularmente, a resistência (e a revolução) tanto no campo da língua, como do sujeito. A questão da resistência é atravessada diretamente pelo caráter material que constitui os sentidos. Ao analista cabe não somente admitir a resistência, mas operar com conceitos de língua, de sujeito e de história que reconheçam, nos fatos do discurso e nos gestos de resistência, o real que é próprio a cada um dos conceitos concernidos pelo tripé da AD. O tripé contempla os três vértices da teoria: língua- sujeito- história. Mas não nos enganemos de novo achando que a isso se resume a Análise do Discurso.

Nosso grande projeto enquanto analistas de discurso é seguirmos o alerta de urgência disparado por Pêcheux (1981) e *quebrarmos os espelhos da cegueira da História e da surdez*

língua, admitindo com Pêcheux que a Análise do Discurso está irremediavelmente presa entre o real da história e o real da língua.

Ao pensar a resistência que se dá no discurso, Pêcheux formula dois primados básicos, nas últimas linhas do Anexo 3 (*início de uma retificação*): (1) *não há dominação sem resistência*, primado prático da luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”; e (2) *ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja*, primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso “ousar pensar por si mesmo” (Pêcheux, [1978] 1988, p.304). Percebe-se aqui que a resistência se dá no interior mesmo da história (em seu motor – a luta de classes) e no interior do sujeito (em seu motor – o inconsciente). E será então pela falha constitutiva no interior da língua, da história e do próprio sujeito, que a resistência vai irromper, tornar-se visível, fazer presença.

A questão da língua e da sua equivocidade me interessa há bastante tempo! Lá se vão mais de 20 anos! E eu posso dizer, sem medo de errar, que esse tema está longe de se esgotar para mim.

E quando se fala em língua se pensa na Linguística e em seu teórico fundador, Saussure. E Pêcheux conhecia muito bem os textos de Saussure, visitou de perto seus principais conceitos, suas contradições, paradoxos, o Saussure diurno e noturno... Aliás, diga-se de passagem, não só de Saussure Pêcheux era leitor interessado. Como nos relata Denise Maldidier (2003), em seu precioso livro “A inquietação do discurso”, Pêcheux era um filósofo apaixonado pela língua e, eu diria ainda, *por tudo o que nela escapa*.

Na trajetória de constituição de seu espaço, a Análise do Discurso tem oscilado por momentos de relação mais próxima e amistosa, com outros de maior distância e enfrentamento, no que se refere à Linguística. Por isso, o importante seria frisar que há contato entre as áreas, há afinidades, mas não pertencimento. E isso vale para os dois lados. A Análise do Discurso (AD) não está ‘contida’, não é parte da Linguística, em que pese trabalhar com a língua, como base material. E uma das razões é que a própria noção de língua as distingue e as faz constituir recortes disciplinares com especificidades próprias.

Na Análise do Discurso a língua é tomada em sua forma material, enquanto ordem significante capaz de equívoco, de deslize, de falha, ou seja, enquanto sistema sintático intrinsecamente passível de jogo que comporta a inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história para produzir sentidos. A passagem de uma *forma linguística*, tradicionalmente considerada nos estudos da linguagem, para uma *forma material*, traz algumas consequências de peso.

Enumeremos algumas: a) a língua deixa de ser considerada um sistema integralmente autônomo, b) o sistema linguístico não é concebido como algo abstrato e fechado, c) os fatos linguísticos descritos com problemas não ficam fora do sistema, à margem da língua, d) abandonam-se as concepções de língua enquanto código, ou instrumento de comunicação ideologicamente neutro; e) a língua passa a ser trabalhada como lugar material de realização dos processos discursivos, onde se manifestam os sentidos.

Vê-se, portanto, por essa série de traços definidores, que a *língua da Análise do Discurso* não é a mesma língua da Linguística. A língua do analista de discurso tem um funcionamento ideológico e suas formas materiais estão investidas desse funcionamento, com todas as consequências que isso acarreta para a teoria e para a análise.

A AD trabalha as contradições que se manifestam nas áreas vizinhas, fazendo disso material próprio, ressignificado. As fronteiras do território da Análise do Discurso delimitam o campo teórico, mas também permitem o contato e aproximação com campos vizinhos; são fronteiras rarefeitas que funcionam como *limites e não como limitações*. A esse respeito, parece oportuno trazer o registro de Régine Robin, historiadora integrante do grupo de Pêcheux, quando afirma que a Análise do Discurso atua nos limites dos grandes recortes disciplinares como “um dentro/fora de forma inquietada”, *não como disciplina auxiliar nem como campo autônomo*.

Ser analista de discurso no Brasil hoje significa, então, o empenho em demarcar os limites e as especificidades do quadro teórico, não deixando banalizar o aparato conceitual construído, nem diluir os procedimentos de análise sob a forma de modelos úteis de aplicação imediata. Significa manter presente a ideia de ruptura e de resistência, traços fundadores da teoria que estão na base de muitos dos conceitos com os quais ela opera e que a faz enfrentar as evidências da significação. Mas significa também não se manter isolado, como se coubesse à AD dar conta do além da língua de forma plena e acabada.

O que nos cabe é com responsabilidade e maturidade compreender que nos tornamos irremediavelmente comprometidos e implicados pela teoria que abraçamos. Nossas escolhas de objetos discursivos, de conceitos a serem usados como ferramentas, do modo como decidimos analisá-los, tudo isso deve estar compatível com o dispositivo teórico e metodológico que escolhemos (ou que nos escolheu?)

Ouvi uma vez numa entrevista² a psicanalista francesa Elisabeth Roudinesco dizer que a psicanálise não encontra espaço em regimes fechados, autoritários, privados de liberdade, como aconteceu em alguns momentos da história, na Europa, e aqui também no Brasil. Pensando agora do lado da AD, talvez um de seus desafios maiores seja o de se mostrar ativa, disponível e operante precisamente nesses momentos críticos da história onde os sujeitos se mostram mais vulneráveis à dominação e submetidos às línguas de madeira e de vento, como se referia Pêcheux às línguas de Estado, dos aparelhos ideológicos e da propaganda. Qualquer semelhança com os tempos atuais que se vive no Brasil não é mera coincidência. Portanto ser analista de discurso hoje é um caso de urgência: urgência teórica e urgência política!

Como ler os discursos oficiais, as manchetes, os fatos veiculados massivamente pela grande mídia, pela mídia alternativa, as imagens despejadas sem critério nem pudor, os memes que viralizam nas redes sociais? Lembro de memória a frase de Pêcheux tão conhecida e repetida por nós todos analistas de discurso: *a tarefa do analista de discurso é expor ao olhar*

² Programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, exibido em 31/05/1999.

do leitor a opacidade do texto. Dito em outras palavras: o leitor deve desconfiar das obviedades, da imposição do senso comum, das histórias contadas como verdades.

A AD já surge na França com um viés de esquerda militante, abertamente declarado sob o impacto e o calor de maio de 68 e sob o protagonismo de dois grandes mestres que forjaram toda uma geração: Althusser e Lacan. Tais autores, por sua vez, trouxeram os ensinamentos de outras duas referências matrizes no pensamento da humanidade: Marx. Freud.

Geração destroçada por uma conjuntura de fatos de ordem diversa que a fez assistir à agonia de um comunismo impossível e à agonia mental de um mestre. Segundo Roudinesco (1995, p.75), *os heróis da revolução althusseriana-lacanianiana foram condenados à morte, ao suicídio ou à loucura, por não terem podido fazer o luto da revolução fracassada.*

Mas essa AD, em que pesem todas as adversidades de seu percurso, de sua constituição segue forte, viva, potente, fiel a seus fundadores, mas não submissa. E isso, aqui no Brasil, podemos testemunhar com nosso trabalho, com nossas pesquisas. E registro em especial o que se faz aqui no Sul do Brasil em relação ao campo discursivo. Nosso grupo de pesquisa lá da UFRGS tem 15 integrantes atualmente. E desses 15 temos pesquisadores-professores de várias instituições gaúchas onde a semente da AD já foi plantada e vem florescendo. UFRGS, UNICRUZ, UNIPAMPA, UFPEL, URI, UCS, UPF, UFCSPA, IF/RS, UNISUL são algumas dessas instituições onde a flama da AD viceja, inflama e prospera.

É sempre uma tarefa complicada definir o que se entende por Análise do Discurso e apresentar seus principais traços e contornos, mesmo estando entre pares. Ser analista de discurso é estar preparado para lidar com paradoxos, controvérsias, mal-entendidos. O que significa que nós, analistas, somos construídos nesse território de lutas e questionamentos que se marcam na língua, o que acaba nos moldando e preparando para os embates, tanto de ordem teórica, como política e institucional, que enfrentamos em nossa área de pesquisa.

Nossa grande referência nessa aventura e a quem devemos esse legado teórico é Michel Pêcheux, um filósofo interessado por máquinas, dispositivos e pela prática política. Segundo depoimento de Courtine³, que esteve junto com ele nos primórdios da disciplina, o lado político dessa história da análise do discurso teve um peso decisivo no destino de toda essa geração, fossem ou não analistas de discurso. A luta principal era travada no interior do Marxismo e de seus conflitos, entre Althusser, de um lado, e Partido Comunista Francês, de outro.

Para forjar seu campo teórico Pêcheux montou uma estratégia mobilizando alguns conceitos como pontas de lança dessa investida na área das ciências humanas. Noções como *formação discursiva, formações ideológicas, interdiscurso, pré-construído, discurso transversal, memória discursiva* ganham destaque e começam a ser mobilizadas

³ Entrevista com Jean-Jacques Courtine (NUGARA, COURTINE, 2010).

produtivamente na análise de distintas materialidades discursivas. Faço esse registro para contrapor esse cenário inicial dos anos 60/70, que marcou o aparecimento da Análise do Discurso, toda ela fortemente afetada pelo marxismo e mergulhada numa história de intervenção política, e o cenário de agora, da Análise do Discurso na França, onde a ideia de intervenção se mantém, mas totalmente despolitizada, mais próxima da sociolinguística e da pragmática. O que se vê atualmente por lá, como eu mesma constatei, é uma Análise do Discurso aberta às demandas sociais, servindo de mão de obra às demandas do mercado. Uma AD que nada lembra a dignidade teórica e o engajamento político de sua fundação.

A AD fundada por Michel Pêcheux e seu grupo de filósofos, linguistas, psicanalistas, historiadores foi uma Análise do Discurso revolucionária, comprometida com a prática teórica em sintonia com a prática política, formada por militantes marxistas e com um viés intervencionista declarado, tendo com alvo o positivismo imperante nas ciências humanas dos anos 60 na França. Portanto, quando se falar em Análise do Discurso na França é preciso separá-la em dois segmentos: a AD inicial – de 60 a 80 – e a outra AD, a partir dos anos 80 até agora, que foi se configurando a partir do desaparecimento dos nomes fundadores e de suas motivações. O nome Análise do Discurso se mantém, mas o conteúdo é totalmente outro.

Quando trabalhamos no território discursivo precisamos povoá-lo com conceitos compatíveis com o escopo teórico e epistemológico desse campo. Ocorre que muitos desses conceitos provêm de outros territórios vizinhos nos quais adquiriram diferentes significações. Exemplo mais clássico é o de língua, como já abordamos anteriormente. Isso leva muitas vezes o analista de discurso a enfrentar um jogo paradoxal, no qual tenta assegurar uma especificidade para seus conceitos sem fechar barreiras para incorporar outros pelos quais se sintam concernido. Aqui eu traria minha própria experiência como pesquisadora da área que senti necessidade de incorporar três novos conceitos, cujas materialidades, na minha perspectiva se entrelaçam: *Corpo, arte, cultura*.

Um breve resumo de como eu compreendo e ressignifico cada um deles.

CORPO- Considero corpo como objeto teórico e como materialidade significativa. Ao pensar discursivamente sobre o corpo procurei situá-lo numa tríplice condição: (i) como lugar de observação do sujeito, (ii) como objeto e (iii) como ferramenta. O que mais me impactou ao refletir sobre essa invenção teórica foi pensar que a inscrição do sujeito no mundo se faz através do corpo, o qual é simbolizado pelas palavras. Como não há corpo sem sujeito e como não há sujeito sem ideologia, é possível pensar o corpo relacionado a novas formas de assujeitamento. Assim como a língua materializa o discurso, o corpo materializaria o sujeito, constituindo com ele uma aliança inextricável.

ARTE- Para operar com o corpo como dispositivo teórico e metodológico na análise do discurso foi preciso lançar mão de noções que circulam em campos teóricos afins, como o das artes. Refiro-me às categorias do *olhar, espaço e objeto* que, juntamente com o *sujeito* e o próprio *corpo*, constituíram-se nos cinco eixos de ruptura da arte contemporânea. E ao pesquisar sobre os precursores da revolução dos esquemas visuais, como Manet, Cézanne,

Picasso e Jean Dubuffet, foi possível perceber que o corpo entra como o próprio acontecimento discursivo, constituindo o ponto de batimento entre corpo-padrão das artes, reverenciado até então, e o corpo exposição/desconstrução/deformação que esses artistas promoveram, a partir da ruptura com modelos inscritos na memória visual e no imaginário coletivo.

CULTURA - Ao falar de corpo e arte trazemos inevitavelmente o sujeito. Pois bem, como falar de sujeito sem falar de cultura e de suas práticas significantes que promovem efeitos de identificação dos sujeitos com os grupos e comunidades aos quais se sentem pertencentes? É assim que a cultura interpela o sujeito pelas imagens, pela gestualidade, pelos rituais do cotidiano. A ordem da cultura e sua organização teria um caráter dinâmico. Existem normas e preceitos que a regulam, mas não chegam a ser imutáveis, pois isso seria incompatível com o próprio estatuto teórico da cultura. Assim como a língua, a cultura também resiste, não se deixa capturar como um ritual sem furos.

Ao falar de interpelação é preciso considerar que a própria Análise do Discurso, enquanto teoria, interpela-nos sem cessar, captura-nos inapelavelmente, não nos deixa ficar imunes, distantes. A relação com a Análise do Discurso não pode ser frouxa, não comporta tons de sépia, suaves, mitigados. Os que com ela se identificam são movidos pela paixão. Quantos de nós já ouvimos relatos pungentes, emocionantes, de alunos, de orientandos, de pesquisadores que nos dizem com brilho nos olhos e com a voz cheia de entusiasmo: *a AD mudou minha vida. Não sou mais o mesmo depois de ter conhecido a AD. Sim, ela afeta: com afeto ou sem afeto, ela afeta. Lembrei-me de uma propaganda que vi nos jornais locais, onde a FIERGS (Federação da Indústria do Estado do Rio Grande do Sul) defende a continuidade das reformas da previdência e trabalhista. E o faz valendo-se da imagem de uma placa, dessas que encontramos nos prédios alertando para o piso molhado. No caso do anúncio da FIERGS, a placa tem os seguintes dizeres: Desculpem o transtorno: as reformas precisam continuar. Ao que me deu vontade de responder provocativamente. Sentimos muito, mas agora é tarde: analistas trabalhando.*

Fazendo um balanço de tudo o que disse até aqui, quero ressaltar e reiterar que a Análise do Discurso não é um Partido, nem seus fundamentos uma religião e muito menos seus praticantes devotos. O analista de discurso não convive bem com dogmas que lhe tiram a possibilidade de questionar e pôr em questão seus próprios conceitos e as causas daquilo que falha em sua teoria. Pêcheux nos dá o próprio exemplo disso com suas “retificações” e autocríticas ao longo de seu percurso.

Em texto apresentado no Colóquio de Nanterre, “Matérialités discursives”,⁴ Pêcheux, a certa altura das questões iniciais, provoca seus interlocutores com a pergunta: “Do que nos protegemos declarando-nos linguistas, psicanalistas, historiadores”?

O que eu reformularia, na conjuntura universitária e política atual, perguntando, não mais do que nos protegemos, mas: Afinal, a que nos arriscamos a nos declararmos analistas de discurso?

Eu tenho quase certeza que os que atuam na área, como eu, não de entender essa pergunta e, mesmo assim, ou, por isso mesmo, vão continuar a se declarar analistas de discurso! O que nos fascina na teoria é poder ver os espaços que ela abre para que tratemos de noções pelas quais nos sentimos concernidos, como o corpo, a cultura, a arte, o ensino, a tradução, a língua, a loucura, o meio ambiente, a política e isso sem abrir mão do rigor de seus postulados teórico-analíticos, sem vulgarizar ou diluir seus conceitos, sem cair no logro de um tudo pode, tudo vale.

Ainda sobre o Colóquio *Matérialités Discursives*, em boa hora traduzido pela editora da Unicamp em 2016 (“Materialidades Discursivas”), tratava-se de um Colóquio envolvendo linguistas, historiadores e psicanalistas. Pêcheux faz referência lá na abertura (p. 23) à mistura de práticas, trazendo cada uma suas marcas. E por isso refere-se à “poeira dos arquivos (historiadores), o giz dos quadros (linguistas) e o suor dos divãs (psicanalistas)”. Eu vou me permitir fazer alguns deslocamentos aqui para nos incluir enquanto analistas nessa referência. Onde se lê *suor dos divãs*, leia-se *suor dos analistas (ou seja, o nosso suor ao lidar com os arquivos, com a escrita e com a escuta)*.

A questão teórica das *materialidades discursivas* surge precisamente disso que, entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível: uma reprodução de falas ouvidas, relatadas ou transcritas, um entrecruzamento de escritos citando falas, e de outros escritos. Pêcheux nos faz pensar nas marcas, nos vestígios, nos traços dessas distintas materialidades: a do linguista, a língua, forma abstrata; a do historiador, história, como narrativa dos fatos; a do psicanalista, a escuta do inconsciente. Quanto a nós, analistas de discurso, a materialidade remonta à forma material, à ordem do discurso, à opacidade da língua e à historicidade. Ao nos apresentarmos como teoria materialista, impõe-se que os sentidos que irão constituir-se em nossa matéria prima sejam pensados como fatos, e não apenas dados, em estado bruto da empiria.

Em Análise do Discurso nós trabalhamos sempre num terreno pantanoso, onde a possibilidade dos desvios, dos buracos, é constante. E também aprendemos a lidar com paradoxos de forma incessante. É por isso que a topologia da Fita de Moebius há muito me

⁴ “Matérialités discursives”, Colloque des 24, 25, 26 avril 1980. Université Paris X-Nanterre. Tradução brasileira “Materialidades discursivas”. Ed. da UNICAMP, 2016.

atraiu e serve como suporte valioso para falar dos nossos conceitos. A Fita (ou a Banda) de Moebius mostra a impossibilidade da distinção entre o dentro/fora, o avesso/o direito.

E por falar em avesso, eu vou fazer um pequeno registro de uma história que aconteceu com outro filósofo francês também muito importante para o pensamento ocidental: Jacques Derrida. Quando li um relato de sua história, uma passagem me tocou particularmente e serviu como inspiração. Derrida, filósofo da desconstrução, relata um evento autobiográfico que iria marcar a abordagem desconstrutiva (SERRA, 2014). Em sua infância na Argélia, nos alpendres de sua casa, o pedreiro colocara um ladrilho invertido, deslocado. E o menino Jacques demorava-se em olhar para esse ladrilho fora do lugar, desalinhado, diferente dos outros. Mais tarde, no livro, ao comentar o que seria a desconstrução ele afirma que “consiste justamente em colocar os ladrilhos do avesso, enfim, perturbar uma ordem”.

Esse depoimento me instigou e me fez pensar no campo da teoria com a qual trabalho, que me parece ser um território privilegiado para analisar objetos fora de um “universo estabilizado logicamente”. Olhar pelo avesso, indistinguir o dentro/fora, instaurar o imprevisto, perceber traços apagados de um discurso outro, não-ditos inscritos no interior do discurso, são práticas habituais entre as tarefas do analista de discurso. Então esse ladrilho *fora da ordem* me despertou uma profunda identificação e forte afinidade e cumplicidade com todos aqueles que desconfiam do óbvio, resistem à dominação e ousam pensar e olhar para os objetos por si mesmos.

Há um tempo atrás li uma declaração derramada de admiração e reverência de um roqueiro argentino – Litto Nebbia, por ocasião dos 25 anos da morte de ninguém mais que Atahualpa Yupanqui: extraordinário compositor, payador, poeta, violonista, autor de clássicos como Los Hermanos. E fiquei pensando por que essa declaração do considerado fundador do rock argentino à figura desse artista tão ligado às raízes pampeanas e à nossa tradição sureña. Atahualpa Yupanqui era também considerado um filósofo que encantava as plateias com sua sabedoria e com o alcance de seus versos. Vejam o que Litto Nebbia diz: “Atahualpa Yupanqui é um farol, sua obra não tem limite geracional nem de gênero. É uma arte pura que nos representa, nos dignifica e nos mostra um caminho”. Fiquei tão tocada com a força dessa declaração que fiquei pensando a quem eu poderia estendê-la e dizer algo parecido. E aí me lembrei de Pêcheux, ele também um filósofo e um farol, que com sua teoria não datada no tempo nem limitada por barreiras nos representa com tanta dignidade e nos aponta um percurso a ser construído por nós, com nossas próprias lutas e enfrentamentos.

Diria serenamente, com orgulho, mas sem soberba, que a AD da vertente pecheutiana no Brasil vem conseguindo dar prosseguimento à altura do legado que herdamos de Pêcheux. O Brasil é hoje, pode-se dizer, a atual morada dessa Análise do Discurso francesa. Michel Pêcheux continua vivo entre nós, teoricamente, como uma referência forte, pulsante e que continua a fazer todo sentido. Seus textos, os conceitos que ele forjou, os perigos e as ameaças que ele apontou e ironicamente denunciou estão aí no presente a nos interpelar e a nos convocar interpretação.

E por fim, encerrando, eu trago uma passagem atribuída a Freud e citada numa crônica de Contardo Calligaris, na Folha de São Paulo: “um menino angustiado por estar no escuro, chama a tia, que está num quarto ao lado. ‘Tia, fala comigo: estou com medo’; ‘De que serve que eu fale, se no escuro você não me enxergaria?’ responde a tia. E o menino: ‘ Quando alguém fala, tem sempre um pouco de luz’”.

Que a nossa fala de analistas de discurso possa trazer sempre um pouco de luz a clarear os espaços sombrios e subterrâneos das nossas reais condições de existência.

Referências

CALLIGARIS, C. *Nossas noites*, FSP, 29/04/2017.

CONEIN, B., COURTINE, J.-J., GADET, F., PÊCHEUX, M. (orgs.) *Materialidades Discursivas*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2016.

MALDIDIER, D. *A Inquietação do discurso: reler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

NUGARA, S.; COURTINE, J.-J. Entrevista inédita com Jean-Jacques Courtine sobre seu percurso científico, sobre as noções de "discurso" e "corpo" como objeto de estudo. *Organon*, v. 24, n. 48, p. 1-14, 2010.

PECHÊUX, M. O estranho espelho da análise de discurso. Prefácio. In: COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Traduzido por C. de C. V. Birck et. al. São Carlos: EdUFSCAR, 2009 [1981].

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1988 [1975] [1978].

PROGRAMA RODA VIVA. TV Cultura de São Paulo, exibido em 31/05/1999.

ROBIN, R. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ROUDINESCO, E. *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SERRA, A. Arte e imagem sob os olhares da Desconstrução. In: *Revista CULT*. Dossiê Jacques Derrida. n. 195, p. 38-43, out. 2014.

Recebido em: 20/12/2017

Aceito em: 13/04/2018